A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL: CRIANÇA NEGRA NA LITERATURA INFANTIL: (IM) POSSIBILIDADES DE AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NO CONTEXTO DAS ESCOLAS DO CAMPO ACOMPANHADAS PELO PIBID

Marileuda Fernandes do Nascimento Santos[1]
Adélia Santos Porto[2]
Railton de Souza Silva[3]
Silva, Anne Rocha da[4]
Daelcio Ferreira Campos Mendonça [5]

EIXO 4 – Direitos humanos, diversidade e inclusão social.

RESUMO:

Este artigo é uma inspiração das intervenções pedagógica realizadas pelos bolsistas do PIBID. Temos como objetivos, o estudo e a discussão sobre as relações étnico-raciais, através da coletânea de contos do livro "O amigo do Rei". "O cabelo de Lelê", "As tranças de Bintou" trata-se de um artigo de campo, compreendido como um estudo in lócus, com coleta de dados primária, por meio de entrevistas, realizada diretamente com sujeitos pesquisados. E um estudo de natureza qualitativa. Através desse trabalho acreditamos que foi de extrema importância a abordagem dessa temática na Escola, tendo como possibilidade trazer à tona um possível sentimento de pertencimento, no que diz respeito à etnia dos alunos. Porém percebemos que a imagem dos negros na maioria dos contos, nem sempre são como heróis, princesa ou príncipe, mas como sujeitos inferiores que ocupam sempre baixas posições.

Palavras chaves: Intervenções. Escola. Etnia

Introdução

Este artigo é uma inspiração das intervenções pedagógica realizadas pelos bolsistas do PIBID[6]. Temos como objetivos, o estudo e a discussão sobre as relações étnico-raciais, através da coletânea de contos do livro "O amigo do Rei", "O cabelo de Lelê", "As tranças de Bintou" que subsidiou os alunos na compreensão dessa abordagem temática.

[1] Discente do curso de pedagogia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus Itapetinga – Bolsista de iniciação cientifica. E-mail. Ana.fernandes3473@gmail.com
[2] Discente do curso de pedagogia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus Itapetinga –
[3] Discente do curso de pedagogia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus Itapetinga – Bolsista de iniciação à docência.railton_ray13@hotmail.com
[4] Discente do curso de pedagogia: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus Itapetinga – Bolsista de iniciação cientifica. E-mail-leticiavitoria65_@hotmail.com
[5]Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/ Campus Itapetinga – Coordenador. daelcio@yahoo.com .
[6] Programa Institucional de Bolsa iniciação à docência (PIBID), subprojeto educação do campo, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Campus de Itapetinga-BA.

Inicialmente, apresentaremos as concepções sobre a importância do ensino da Literatura pautado nas relações raciais no espaço de uma Escola do Campo. Em seguida, será feita uma discussão, por meio de uma sequência didática, com a apresentação das atividades desenvolvidas com os alunos.

O intuito de abordar essa temática na Escola, é para que os alunos tenham um conhecimento melhor acerca da história da África, de seu povo, bem como de sua cultura. Consideramos importante, ainda, que os alunos tenham contato com a origem da própria cultura e identidade brasileira, já que recebemos heranças significativas e até mesmo essenciais do povo africanos, para a consumação da nossa cultura e identidade. Com isso, torna-se necessário tais concepções de raça e etnia para a formação\aceitação da identidade das crianças da Escola a qual fizemos a intervenção. Encontramos dificuldade em definir raças e etnias dos alunos da turma, pois como salientam as autoras Glándiskaercher e Maria Isabel Dalla Zen (2012)

> [...] a identidade étnico-racial não se delimita apenas pela cor da pele, normalmente tomada como o traço identitário definidor da pertença racial no Brasil, mas por outros traços constituídos no transcorrer das narrativas [...] (2012, p.03)

Entendemos que essa dificuldade de afirmação de identidade é resultado da miscigenação com os africanos trazidos para nosso país no período da escravidão.

No que se refere aos aspectos metodológicos, trata-se de um artigo de campo, compreendido como um estudo in lócus, com coleta de dados primários, por meio de entrevistas, realizados diretamente com sujeitos pesquisados. E um estudo de natureza qualitativa. Para Minayo (2007, p. 21):

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar as suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO 2007, P. 21)

Através da análise de uma turma multisseriada composta, por cinco meninas e sete meninos, totalizando 12 alunos de uma escola do campo, zona rural do município de Itapetinga/BA.

A pesquisa tomará por fundamento autores como; Silva (2016), Jovino (2006), Braslavsky (2002), Munanga (2005), entre outros que trazem discussões fundamentais para o desenvolvimento do trabalho, na medida em que trazem debates importantes sobre a questão étnico racial no Brasil.

Breve discussão: QUAL O LUGAR DA CRIANÇA NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA?

Na literatura infantil brasileira, existe ainda muita influência da matriz européia, predomina o padrão branco em reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas e mocinhos, isto é, os personagens principais têm pele branca, cabelos lisos e loiros, olhos azuis ou verdes.

> A produção clássica de literatura infantil, [...] oferece milhares de situações com idealizações de tipos físicos e culturais que dimensionam um príncipe e uma princesa ideal. Essas criações iconográficas e estéticas das imagens mostram os traços e a cor que encarnam a beleza padrão, o corpo padrão, uma concepção estética de beleza. O ideal de beleza tido como universal (Branca de Neve, Cinderela) ressalta os aspectos físicos da raça ariana. A criança, nessa perspectiva, vai sendo doutrinada sob a consagração e a importância da brancura, enquanto a pele escura é confundida com falta de dignidade e de bravura (SILVA, 2016, P. 112).

De acordo com Jovino (2006), os personagens negros começam a aparecer no contexto histórico-social após o período de escravidão, ao final da década de 1920 e início da década de 1930, a partir de uma literatura estereotipada e depreciativa que evidenciava a condição subalterna do negro. A beleza negra ressaltada à época era a mestiça de pele clara. "A personagem feminina negra era representada de maneira estigmatizada, sempre ocupando o papel de empregada doméstica, com lenço na cabeça e avental, sendo considerada a eterna cozinheira e babá". Jovino (2006, p. 188) o autor afirma que "certamente [...] podemos nos lembrar da Tia Nastácia, personagem de Monteiro Lobato" que assume um papel de inferioridade sociocultural.

Tia Nastácia conta histórias da tradição oral; no entanto, as demais personagens respondem com críticas constantes, uma vez que não partilham de forma positiva essa expressão cultural. De acordo com Jovino, já em outros momentos do texto de Monteiro Lobato, Tia Nastácia é descrita como a "negra de estimação", o que remete à velha frase que ouvimos ainda nos dias de hoje: "é como se fosse da família" (2006, p. 188).

E acabamos por normatizar tais atitudes, conforme aborda Silva (2016);

> A discriminação racial (no Brasil, especificamente) não é uma questão nova. Ela começa desde o momento em que os colonizadores denominaram "descobertas" as novas terras. A nossa história é balizada pela eliminação física ou simbólica do outro, pela sua diferença; porém, somos nós que construímos os conceitos de belo, de gênero, de infância, de raça, de etnia, de cor etc. Trazemos marcas dessa história de preconceito e discriminação em relação a tudo que é diferente, que foge aos padrões hegemônicos estabelecidos pela sociedade e pela mídia televisiva. Incorporamos esses padrões e, ao considerá-los normais, acabamos por naturalizar e normatizar essa realidade (SILVA, 2016, P. 61).

Ainda segundo a autora, "A representação de personagens negros/as na literatura infantil, em desenhos animados e na mídia, até este momento, é escassa. E quando é representada, é de forma estereotipada (inferior e desprestigiada) em relação às pessoas brancas", (SILVA, 2016, P.) mesmo quando pensam em denunciar o preconceito racial, a mídia e algumas obras, acabam retratando os negros de forma inferior ao branco nos aspectos raciais.

Aborda e problematizar essa temática na escola de forma lúdica através da contribuição da literatura infantil, com as obras "O amigo do Rei" de Ruth Rocha, "As tranças de Bindou", trazem não só para as crianças, como também para toda a comunidade escolar do campo, uma visão positiva do sujeito negro e da cultura trazida pelos africanos.

> Se a pessoa acumula na sua memória as referências positivas do seu povo, é natural que venha à tona o sentimento de pertencimento como reforço à sua identidade racial. O contrário é fácil de acontecer, se alimenta uma memória pouco construtiva para sua humanidade. (LIMA, In: MUNANGA, 2005, p.120)

Portanto, nossas intervenções foram pautadas em trazer à tona esse pertencimento que afirma o autor, de forma que os educandos pudessem reconhecer a cultura africana como uma das culturas mais antigas, contribuindo especialmente para a formação cultural de cada criança, desmistificando a crença marginalizada que tem o negro na sua história.

ANALISE E DISCUSSÕES DOS DADOS

Dividimos nossas intervenções em quatro momentos, utilizando literaturas infantis que aborda questões étnico-raciais, contamos as historinhas "O amigo do rei" "O cabelo de Lelê" **"**As tranças de Bintou" e logo após, a atividade intitulada de "Minha Identidade". Ao termino

de cada historinha como de costume, deixávamos os livres para falar o que mais gostaram, mas sempre atentos aos questionamentos das crianças.

Com a atividade intitulada "Minha identidade", cada aluno descreveu suas seguintes características: nome completo, cor dos olhos, cor do cabelo**,** cor da pele**,** brincadeira preferida. No final, foi proposto ainda para que fizessem um desenho de si mesmo. Segundo Jorge Larrosa "ver a si próprio" ou "ver-se" é "uma das formas privilegiadas de nossa compreensão do autoconhecimento" (1994, p.21), em outras palavras, a capacidade de ver-se é também uma concepção que se tem de si.

Nesse sentido, propomos a produção dessa atividade com o objetivo de analisar como os alunos se vêem, ou seja, a relação que eles têm consigo mesmo.

Esta atividade foi a que mais nos chamou atenção, foi uma surpresa o resultado que tivemos. Das 12 crianças da sala a qual fazemos intervenção somente uma, se declarou negra. Teve criança que afirmaram ser brancos e loiros, e nem se quer aceitaram pintar-se. Diante disso, podemos ver uma identidade marcada pela rejeição. "A criança se aproximará do padrão branco ao negar sua cor, ao modificar as formas de arrumação dos cabelos ou outras características físicas para atender aos padrões, "modelos" e poder escapar do racismo (SILVA,2016,P.113).

Através de tais afirmações, podemos dizer então que a identidade étnico-racial é construída socialmente, através de práticas e influencias de respeito, ou não ás desigualdades. Assim, a identidade está inteiramente relacionada à diferença, como afirma Silva (2012), dizer que "sou branco" é também dizer "não sou negro" e vice-versa e "Isso reflete a tendência a tomar aquilo que somos como sendo a norma pela qual descrevemos ou avaliamos aquilo que não somos" (SILVA 2012, P.76). Em uma sociedade em que a "branquidade" é promovida, ser branco é a norma padrão. Em outro sentido, Tomaz Tadeu da Silva (2012) traz a perspectiva de que identidade e diferença são "mutuamente determinadas", estão sempre em construção e não normatizam uma normalidade.

A não aceitação do negro na literatura infantil pelas crianças

O fato mais comum que encontramos na não aceitação do negro na literatura pelas crianças do campo, é em relação aos aspectos físicos dos personagens, tais como cor e cabelo, mesmo as crianças sendo negras, acabam negando sua condição, deixando claro que não querem ser parecida com nem um dos personagens.

Contamos as historinhas sem mostrar as imagens no início, propositalmente, deu pra ver a cara de decepção que as crianças faziam quando olhava as imagens. Matias era negro e rei, da historinha "O amigo do rei" apesar de algumas crianças achar que ele não poderia ser rei, foi o mais aceito por ser um guerreiro.

Quando questionamos porque Matias não podia ser rei, a resposta parecia um coro. *"Ele é feio, é negro".* Continuamos indagando-os; Porque negro não pode ser rei?

Aluno –***A*** *"Porque todos os reis são brancos",* Aluno – ***C*** ***"****Porque o cabelo dele é feio"*

> A referência de beleza para as crianças são os príncipes e princesas dos contos de fadas. Todos/as brancos/as e de olhos verdes ou azuis, tidos como ícones da "boa aparência". Este conceito "boa aparência" já foi (ou ainda é) princípio seletivo de oportunidades profissionais e corrobora o discurso do embranquecimento. As crianças aprendem, desde muito cedo, que as características fenotípicas são fundamentais na constituição de um modelo de representação na nossa cultura (SILVA, 2016, P.192)

É preciso muito mais que textos literários sobre a cultura afro para quebrar tabus de beleza e aceitação indenitária, construídos historicamente por uma cultura de superioridade do branco, e discriminação das demais culturas, estereótipos e etnias.

CONCLUSÃO

E foi a partir de tanta rejeição que podemos perceber que se fazem necessárias discussões sobre questões relativas à identidade, representação e a relação entre o que somos, como somos, o que vemos, como nos vemos e somos vistos. Na verdade, essa rejeição à sua própria imagem, se dá pela imposição de padrões de beleza marcadamente europeus, e pela falta de conhecimento das matrizes africana e indígena como referência de formação do povo brasileiro.

O que se observa então, são crianças visivelmente negras, procurando se retratar pintando-se com o "lápis marrom", ou nem pintando sua imagem, por achar que não tem lápis de sua cor, "Branca" – como foi mencionado pelas crianças. Acreditamos que a Escola tem um papel importante, o de trazer à tona um possível sentimento de pertencimento a sua etnia, foi o que buscamos fazer através dessas atividades realizadas com as crianças. Neste trabalho percebemos também, que a imagem dos negros na maioria dos contos, nem sempre são como heróis, princesa ou príncipe, mas como sujeitos inferiores que ocupam sempre baixas posições.

REFERÊNCIA

BELÉM, Valéria. O cabelo de Lelê. 2d. São Paulo: IBEP, 2012. DIOUF, A. Sylviane.

As tranças de Bintou. Tradução Charles Cosac. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARDIN, Lawrence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1997. 176 p.

BRASLAVSKY, Cecília (org). Aprender a viver juntos: educação para a integração na diversidade. Educação do trabalhador, n° 3. Unesco, IBC, SESI, UnB. Brasília: 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias docurrículo. 2002. 2 ed. Belo Horizonte, Autêntica.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na escola. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade,

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 35-42, jan./mar. 1998.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 269-279.2005. p. 101-115.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade.Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SILVA, Edimacy Quirino de. **Crianças Negras em Escolas de "Alma Branca":** Um Estudo sobre a Diferença Étnico-Racial na Educação Infantil. Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos-UFSCar, 2016, 245 p.